

BUDA

UM PRÍNCIPE ENCONTRA A PERFEIÇÃO

560-480 AC

Sidarta Gautama saiu em busca da verdadeira paz e acabou fundando uma religião que tem hoje 250 milhões de fiéis.

Buda percorria certa vez um caminho quando um homem, percebendo que estava diante de um ser incomum, perguntou-lhe: “Você é um deus?” E o Buda respondeu: “Não”. “É um demônio?” E o Buda respondeu: “Não”. “É um homem?” E o Buda respondeu: “Não”. “Quem é você, então?”

E o Buda respondeu: “Eu estou acordado”. Esta pequena lenda talvez resuma todo o sentido da vida de Sidarta Gautama, o Buda, título que significa justamente “O desperto” ou “O iluminado”. Entender o que esse despertar ou essa iluminação querem dizer, porém, é algo que, segundo seus seguidores, está além das palavras.

Também chamado Sakyamuni, que quer dizer “O santo do clã dos Sakya”, ele nasceu provavelmente **no século VI a.C. no principado indiano de Kapilavastu, na região da cordilheira do Himalaia, no sul do atual Nepal**. Isto é, por volta do mesmo tempo em que ocorria no Oriente Médio as histórias bíblicas do **fim do cativeiro babilônico para os judeus, a história de Ester, e dos profetas Ageu e Zacarias**. Mais ainda do que a de Cristo, sua biografia está de tal forma amalgamada com o mito que se torna praticamente impossível separar vida e lenda. Até porque, de acordo com os budistas, isso nem seria desejável, pois o mito é considerado uma forma perfeitamente válida de conhecimento. O próprio Buda empregou largamente o discurso mitológico em suas falas destinadas a um público mais amplo, enquanto em comunicações mais restritas empregava uma requintada linguagem filosófica. Seu pai, Sudhodana, era o **rajá de Kapilavastu**, o que significa que **Sidarta nasceu príncipe**. Sua casta de origem, a dos **guerreiros**, não ocupava, entretanto, o topo da rígida hierarquia indiana.

O poder pertencia aos **brâmanes, os sacerdotes**. Quando Sidarta nasceu, a casta dos **guerreiros contestava a estrutura social** dominada pelos brâmanes. O nome da localidade natal de Sidarta, **Kapilavastu**, significa “Morada de Kapila”. Fundador do Sankhyan, sistema filosófico que influenciou fortemente o budismo e também o ioga clássico, Kapila dizia que uma das mais perniciosas servidões humanas

MEUS HERÓIS PREDILETOS

é a daqueles que tem de dar presentes aos sacerdotes. Os ecos do pensamento desse antecessor estão claramente presentes na doutrina do Buda, que condenou o sistema de castas da Índia.

Por uma série de complexas razões históricas — a principal delas, a **invasão muçulmana ocorrida no século XII** —, **o budismo não se enraizou na Índia**, embora tivesse conquistado espiritualmente quase todo o Extremo Oriente. Destino de certa forma semelhante ao do cristianismo, que não foi aceito pelos judeus, mas espalhou-se pelo mundo. Também como na biografia mítica de Cristo, a concepção e o **nascimento de Buda estão cercados de condições sobrenaturais**. Sua mãe, Maya — na mitologia, o mesmo nome da força mágica que cria o universo ilusório —, **sonhou que entrava em seu flanco um elefante branco com a cabeça cor de rubi e seis presas. Desse encontro Sidarta foi concebido**. A imagem tem evidentes conotações simbólicas. O elefante, na Índia, representa a mansidão; seis, o número de presas, simboliza os sentidos do Universo — norte, sul, leste, oeste, para cima e para baixo. No corpo de sua mãe, o futuro Buda — o Bodhisatva — espera rezando na hora de seu nascimento, que se dará pelo flanco direito de Maya, sem, entretanto, lhe causar mal. Quando nasce, uma série de marcas evidenciam nele o “incomparável”, conforme proclama o vidente Asita: tem cor dourada, altura igual à extensão dos braços abertos, uma coroa orgânica no alto do crânio, pestanas de boi, quarenta dentes alvíssimos e unidos, membranas interdigitais e centenas de formas desenhadas nas plantas dos pés.

A narrativa tradicional **descreve o Buda como belíssimo**. A imagem popular que se tem dele no Ocidente, que o apresenta como um homem obeso, se deve a uma confusão entre a sua figura e a de uma divindade mitológica chinesa. Maya morreu sete dias depois do parto e Sidarta **foi criado por uma tia, Mahaprajapati**, que se tornaria a primeira monja budista. Sabendo que estava destinado a seu filho um futuro excepcional, diz ainda a lenda, Sudhodana fez construir para ele três palácios, dos quais excluiu tudo o que pudesse lembrar os males do mundo. A narrativa indiana — que se caracteriza por exagerar os fatos, sem maiores preocupações com o que no Ocidente se chama verdade objetiva — se excede em exuberância ao descrever o fausto da juventude do futuro Buda. Seu harém tinha 84 mil mulheres e ele era o primeiro em todas as competições, que incluíam modalidades tão diversas como caligrafia e natação, gramática e corrida, botânica e luta.

MEUS HERÓIS PREDILETOS

Aos 19 anos, Sidarta se casa com sua prima Yasodhara e vive mais dez anos nesse mundo de idílica felicidade e requintada satisfação dos sentidos. Da união com Yasodhara, nasce seu filho Rahula. Mas essa vida privilegiada seria bruscamente sacudida, segundo a tradição, em três passeios que Sidarta fez fora dos limites de seus palácios. São:

1-No primeiro, viu um homem de aparência decrepita que precisava apoiar-se num bastão para caminhar. O cocheiro de Sidarta explica que se trata de um velho e que o destino de todos os homens é se tornar um dia como ele.

2-No segundo, vê um homem com o corpo corroído pela lepra; o cocheiro explica que é um doente e que qualquer pessoa está sujeita a esse mal.

3-No terceiro, vê um defunto transportado em cortejo fúnebre; o cocheiro explica que é um morto e que a morte é o fim para o qual caminham todos os seres vivos.

O impacto dessas três visões tumultua enormemente os pensamentos de Sidarta e ele decide partir em busca do esclarecimento. Deixa para trás os palácios, as mulheres, o filho e cavalga rumo ao Oriente. Como São Francisco de Assis na Itália do século XIII, se desfaz das roupas. Entrega seu cavalo ao criado que o acompanhara e corta os cabelos. Sozinho, decide iniciar uma nova vida. Tem 29 anos de idade. Um asceta, ou, segundo a lenda, um anjo que assumiu a forma de asceta, lhe entrega os únicos pertences pessoais a que futuramente terão direito os monges mendicantes budistas: o traje amarelo, o cinto, a navalha para raspar os cabelos, a agulha, a tigela para esmolas e a peneira para filtrar a água.

Sidarta parte em busca dos grandes mestres espirituais da época, homens como Alara Kalama e Uddaka Ramaputta, mas estes não conseguem satisfazer suas dúvidas. A tradição procurará apresentar todos os elementos essenciais da doutrina budista como uma descoberta pessoal do Buda, decorrente de sua iluminação. Mas, se há elementos que realmente lhe são próprios e inconfundíveis, há também a influência da filosofia Sankhyan e do hinduísmo, expresso nos Vedas, a antiquíssima coleção de textos religiosos da Índia. Desta influência e também de outras sínteses posteriores se formaram a cosmologia e a mitologia budista.

Abandonando seus mestres, Sidarta refugiou-se por seis anos no bosque de Sena, território de Magadha. É uma região escolhida pelos eremitas para afastar-se dos apelos do mundo. Ali, junto a cinco companheiros, Sidarta se dedica à automortificação. Faz jejuns prolongados; quando come, sua alimentação se resume a frutos; permanece dias seguidos imóvel em posição de meditação, castigado pela

MEUS HERÓIS PREDILETOS

chuva ou pelo sol. Enfraquecido física e mentalmente, percebe que essas práticas não o aproximam do que mais procura — as respostas para os sofrimentos do mundo.

Deixando os companheiros, banha-se no rio Nairanjana e se fortalece com o alimento oferecido por uma aldeã. Depois, senta-se à sombra de uma **figueira sagrada para meditar**. Ali vive a experiência da **iluminação** que lhe teria dado consciência plena da verdade absoluta. Segundo o relato tradicional, ele “vê” simultaneamente os infinitos mundos do Universo, suas infinitas encarnações anteriores e as de todos os outros seres, a concatenação de todas as causas e efeitos. Ao amanhecer, intui as Quatro Verdades Nobres, as colunas-mestras do budismo:

- 1) O sofrimento é inerente a toda forma de existência;
- 2) A ignorância é a origem do sofrimento;
- 3) Pela extinção da ignorância é possível extinguir o sofrimento;
- 4) O caminho que leva a isso é eqüidistante da entrega aos prazeres e apelos do mundo e dos rigores do ascetismo e da automortificação.

Buda vai referir-se a esse caminho médio com a metáfora de um alaúde, cujas cordas não podem estar nem muito frouxas nem muito tensas para que se produza o som adequado. Ela se expressa na Nobre Senda Ótupla: compreensão correta, pensamento correto, palavra correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção correta, concentração correta. São oito atitudes de meditação cujo entendimento pleno não pode ser dado por meio de palavras. Por essa senda se chega à extinção da ignorância, que não é associada no budismo à prosaica falta de informações, mas ao desconhecimento do sentido profundo da existência.

Depois da iluminação, Sidarta se tornou o Buda e também adotou o título de Tatágata — “Aquele que veio da verdade”. Procurou seus cinco ex-companheiros de ascetismo e os converteu numa única pregação. Em seguida converteu os irmãos Kassapa, adoradores do fogo, e os brâmanes Sariputra e Moggollana, que serão seus mais importantes discípulos. É o início da **Sangha, a comunidade budista**, que juntamente com o Buda e o Dharma, a doutrina, forma as Três Jóias do budismo. Diz a lenda que o Buda comunicou sua doutrina também aos nagas, serpentes com face humana que habitam o mundo subterrâneo, e aos deuses dos vários céus, que, apesar de suas vidas imensamente longas, ou talvez exatamente por causa delas, são incapazes de chegar sozinhos à iluminação.

Durante 45 anos, o Buda perambulou ensinando. A região nordeste da Índia, que acolheu em primeiro lugar os seus ensinamentos, vivia então uma época de crise. Não havia centralização política: a antiga unidade tribal fora rompida pelo

MEUS HERÓIS PREDILETOS

surgimento e expansão de vários pequenos reinos. A religião predominante, o bramanismo, que cultuava um deus criador — Brahma —. era contestada por numerosos movimentos organizados em torno de mestres carismáticos. Mais do que tudo, os unia uma oposição ao sistema de castas que dividia a sociedade indiana e assegurava os privilégios da elite sacerdotal. O terreno era propício à aceitação do budismo.

No rastro da pregação de Buda formou-se uma numerosa comunidade de monges e monjas que renunciaram aos bens materiais e às atividades profissionais para viver de esmolas, meditar e pregar a doutrina. Formou-se também uma vastíssima comunidade de fiéis leigos de ambos os sexos. Entre os convertidos pelo Buda estava seu próprio filho, Rahula.

Três marcas são características do budismo; consideradas em conjunto, o distinguem de todas as outras religiões: **as noções de impermanência**, ou seja, todos os fenômenos são efêmeros, sujeitos à contínua transformação; **insubstancialidade**, isto é, os seres não possuem qualquer núcleo estável que determine sua natureza, mas são uma complexa e sempre cambiante teia de relações; e **nirvana**, o estado de extinção dos sofrimentos que se manifesta quando o homem compreende profundamente a impermanência e a insubstancialidade, e se libera de sua ilusão de “eu” e dos apegos egoístas que ela engendra.

Buda superou o samsara, o mundo das aparências, e encontrou o nirvana em sua iluminação sob a figueira. Segundo a doutrina, ele atingiu o para-nirvana, ou nirvana pleno, após sua **morte**, ocorrida quando tinha **mais de 80 anos**. Ela foi apressada pela ingestão, supostamente voluntária, de alimentos deteriorados, que lhe teriam sido oferecidos pelo ferreiro Cunda, na aldeia de Pava. Ele se preparou para morrer banhando-se pela última vez e esperou a consumação deitado sobre o lado direito, com a cabeça voltada para o norte e o rosto virado para o poente. Conforme a tradição, seu corpo foi cremado pelo discípulo Aranda e coberto com mel para que nenhuma partícula se perdesse. Uma terça parte foi entregue aos nagas, outra aos deuses e a terceira aos homens.

Como ocorreu com praticamente todas as grandes religiões, o budismo sofreu metamorfoses e divisões após a morte de seu fundador. O principal cisma, que tomou forma apenas 140 anos depois, foi entre a corrente Hinayana (Pequeno Veículo) e a Mahayana (Grande Veículo). Essas denominações vêm de uma pergunta metafórica: no caso de um incêndio, como um homem deveria se salvar? Num pequeno carro

MEUS HERÓIS PREDILETOS

puxado por uma cabra, que lhe asseguraria a salvação individual, ou num grande carro de bois, que lhe permitiria levar muitos outros junto? A corrente Mahayana respondeu com a segunda alternativa e se tornou amplamente predominante.

Dela resultaram, através da fusão com numerosas tradições religiosas orientais, escolas tão diversas quanto o austero e filosófico zen japonês (derivado do chan chinês) e o exuberante e mitológico lamaísmo tibetano. O budismo tem expressão muito reduzida na Índia contemporânea, alcançando apenas 2 por cento da população, mas tornou-se a principal religião do Extremo Oriente, com mais de 250 milhões de adeptos espalhados por países como o Nepal, Tibete, Butão, Sikkim, China, Mongólia, Birmânia, Tailândia. Laos, Kampuchea, Vietnã, Sri Lanka, Coreia e Japão — além de provocar interesse cada vez maior no Ocidente.

Ao contrário do cristianismo, **o budismo não acredita num deus criador**: os infinitos universos de sua cosmologia passariam por um processo também infinito de destruição e criação, sem começo nem fim, regido por uma lei eterna. Os seres que povoam cada um desses universos — e que podem assumir a forma de animais, homens, deuses, demônios etc.— estariam sujeitos a sucessivos nascimentos e mortes. Não há propriamente uma alma imortal: são as ações, palavras e pensamentos de uma existência que tecem a trama (karma) que determina a existência futura. Esse processo é considerado extremamente doloroso, e escapar dele deve ser o fim visado por todos os seres. Eles têm a oportunidade rara de consegui-lo apenas quando renascem na forma humana e conseguem desapegar-se totalmente do mundo ilusório. Libertar-se é atingir o nirvana, a cessação de todos os desejos, a suprema e eterna paz.

Como me enche de paz o coração ao ler a história da encarnação, vida e obra de meu Senhor Jesus Cristo. Sua existência entre nós foi tão maravilhosa, real, significativa e poderosa que mesmo tendo passado 2 mil anos, ainda renova as minhas forças e esperanças espirituais. Creio que o mesmo acontece com você. Por que? Porque Jesus não foi um homem que nasceu de forma maravilhosa, muito menos um ser iluminado em certa época de Sua vida. **Jesus foi Emanuel- Deus entre nós. Ele nasceu de forma miraculosa porque esta é a única maneira que podemos esperar que Deus atue. Ele não recebeu iluminação em Sua juventude porque nEle habita o conhecimento de todas as coisas. Ele não foi elevado à divindade, porque mesmo entre nós, nEle habitava corpóreamente a plenitude de toda a divindade.**

MEUS HERÓIS PREDILETOS

Além de tudo isso, Sua vida foi perfeita, acima de qualquer suspeita ou comentário. Ele foi inigualável.

Por isto, jovem, eu e você não precisamos de mais pregadores alucinados. Nós já temos tudo o que desejamos e precisamos: Jesus Cristo. Sua vida nos traz força, vitória contra o pecado, e paz de espírito. Deixo então com você um precioso convite: “Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a refletir sobre a vida de Jesus. Devemos tomá-la ponto por ponto e, deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente embuídos de Seu espírito. *Se queremos ser salvos afinal, teremos de aprender aos pés da cruz a lição de arrependimento e humilhação*”. DTN 72.

Medite nestes pensamentos:

* O nome de Jesus não está escrito na história do mundo; está cravado nela. Ralph W. Emerson.

* Cristo é a pessoa mais singular da história. Nenhum homem pode escrever história alguma da raça humana sem dar o primeiro e mais importante lugar ao paupérrimo Mestre de Nazaré. H.G. Wells.

* Depois de ler as doutrinas de Platão, de Sócrates ou de Aristóteles, sentimos que a diferença específica entre suas palavras e as de Cristo é a diferença entre a indagação e a revelação. Joseph Parker.

FONTE- SUPERINTERESSANTE, MARÇO DE 1988.

MARCELO CARVALHO 08/12/98